

Meditação do dia
Comentário sobre Lc 24, 15-35

Quinta-feira 18/07

Lucas 24, 28-29: *Quando estavam perto do povoado para onde iam, ele agiu como se estivesse indo para mais longe. Mas eles insistiram: "Fique conosco, porque já é tarde e a noite vem chegando". Ele entrou para ficar com eles.*

Comentário

Jesus age "como se" fosse para outro lugar, sozinho, à noite. Assim como antes fingia não saber de nada, agora finge querer deixar os discípulos. Isso também faz parte de sua pedagogia inteligente. Recordemos que os discípulos ainda o veem como um "estrangeiro", ainda não o reconheceram.

Jesus não se impõe. Ele espera um gesto, um convite.

E o convite chega e é expresso com insistência e com palavras calorosas de humanidade: *Mas eles insistiram: fiquem conosco, porque está escurecendo*; o que equivale a dizer: não queremos que você caminhe sozinho, na escuridão da noite, entre os perigos e as dificuldades do caminho; venha conosco, iremos recebê-lo em nossa casa; abriremos a porta para você porque confiamos em você. Compartilharemos o jantar, você poderá descansar, ter uma noite tranquila. Foi tão bom estarmos juntos nesta estrada; você não é mais um estranho para nós, mas um amigo!

E nos discípulos há também o desejo de retribuir: este estranho deu-lhes palavras que os reavivaram, deu-lhes alimento para a mente, alimento para o coração, quando tinham falta de ideias e fome de proximidade.

Querem retribuir com o que têm, com o que podem dar: um pouco de companhia, uma refeição juntos, um lugar seguro para dormir.

Imagino o coração feliz de Jesus, a alegria de se sentir acolhido e assim poder ter mais tempo para se doar aos seus discípulos. É sobretudo a alegria de descobrir que germinaram as sementes lançadas nos seus corações: os dois de Emaús demonstram com as suas palavras hospitaleiras que compreenderam o coração da mensagem de Jesus: amai o próximo, ajudai-o na necessidade, partilhai o que tendes, abra seu coração, olhe para um estranho como olha para um amigo.

Lembremos que "a única grandeza do homem se baseia no amor ao próximo" (Boros).

Ao demonstrar hospitalidade para com o estrangeiro, quando ainda não reconheceram Jesus nele, os discípulos realizam o que São Paulo recomenda na Carta aos Hebreus: «Permaneça inabalável o amor fraternal. Não se esqueça da hospitalidade; pois graças a ela alguns acolheram anjos sem o saberem» (*Hebreus 13, 1-2*). É algo para sempre lembrar. Estas palavras de Paulo causam arrepios se pensarmos nos estrangeiros que rejeitamos.

Jesus partiu daqui, da hospitalidade para com todos e também para com as partes obscuras, escondidas dentro de nós, para com as trevas e a sujeira que há em nós, que Jesus sabe acariciar com a sua ternura, abraçar com a sua misericórdia.

Nota-se também outro aspecto no trecho evangélico de hoje: são os discípulos que dão a Jesus e Ele recebe deles o dom da hospitalidade.

Nos Evangelhos, Jesus coloca-se repetidamente na posição de alguém que precisa de ajuda: lembro-me do seu pedido de água fresca à mulher samaritana junto ao poço e do pedido de companhia dos discípulos durante a noite da paixão no Jardim das Oliveiras...

Jesus deseja a nossa amizade, o nosso amor, a nossa ajuda.

Como teria sobrevivido o recém-nascido Jesus se não tivesse se entregado às mãos inexperientes da menina que o deu à luz? Indefeso, vulnerável, dependia totalmente do amor corajoso da sua jovem mãe e da consciência honesta e terna de José.

Deus é um pai que promete a salvação, mas vem como filho e nos pede para acolhê-lo em nossos braços, alimentá-lo e acariciá-lo.

Deus precisa de nós.

Este é o maior e talvez o mais difícil mistério de aceitar: Deus que se enrola em meus braços, me pede cuidado e leite para crescer no mundo.

«Depende de nós para amar o mundo e mostrar-lhe o quanto o ama» (Madre Teresa de Calcutá).
«Em última análise, é Cristo quem ama em nós» (Papa Francisco, GE, 107 e 21).

Também podemos oferecer hospitalidade a Deus, dizer-lhe: venha à minha casa, ficarei feliz em ter você por perto; compartilharei com você o que tenho, contarei sobre mim e ouvirei o que você tem a me dizer. Você será meu amigo mais próximo. Venha, nós dois precisamos nos abraçar!

Em cada uma de nossas orações e eucaristias, lembremo-nos de renovar este convite: abro meu coração para você, venha! Tem espaço para você aqui, venha! Meu coração está uma desordem confusa, eu sei, mas você me ama, venha!

Tornar-nos hospitaleiros, abrir espaço dentro de nós para Deus, com menos desordem no coração para recebê-lo, é talvez a coisa mais importante que podemos fazer. Porque tudo começa daí, de dar-lhe espaço e liberdade para agir em nós.

Podemos ligar este gesto hospitaleiro de oferta dos dois discípulos de Emaús a outros dois momentos da missa: a profissão de fé do Credo e a oferta dos dons. Ao dizer *Credo*, digo que *confio*, quero você comigo e te ofereço o que tenho.

«Talvez não estejamos habituados a pensar na Eucaristia como um convite a Jesus para permanecer conosco. Estamos mais inclinados a pensar em Jesus convidando-nos para a sua casa, para a sua mesa, para a sua refeição. Mas Jesus quer ser convidado. Sem convite ele seguirá para outros lugares. É muito importante perceber que Jesus nunca se impõe a nós. Até que o convidemos, ele sempre permanecerá um estranho...

O *Credo* é o grande sim: Sim, confiamos em ti...» (Nouwen).

E agora, como ainda temos alguns minutos, já que hoje chegamos à metade da nossa jornada, o terceiro dia, proponho resumir os passos que demos nos passos dos dois discípulos nos últimos dias,

observando as reviravoltas narrativas da passagem do Evangelho de Lucas escolhida para este Encontro. É um exercício, creio eu, que nos reserva surpresas esclarecedoras.

Lemos, até agora, três sequências narrativas, uma por dia.

Se observarmos com atenção, percebemos que cada uma dessas sequências é aberta, ou seja, seu desfecho não é óbvio, mas depende das livres escolhas dos protagonistas.

Tomemos a primeira sequência, que lemos na terça-feira: os dois discípulos discutem ao longo do caminho, Jesus aproxima-se sem ser reconhecido e faz uma pergunta, à qual os dois respondem.

Jesus faz a pergunta: *“Que conversas são essas que vocês mantêm entre si ao longo do caminho?”*. O que se segue desta questão não é nada óbvio. Pensemos um pouco: os discípulos tinham várias opções. Foram muitas as possibilidades de reação diante do encontro com o estranho e sua pergunta. Poderiam, por exemplo, ter-se irritado com aquele estranho, sentindo-o um intrusivo afrontoso (lembramos que estavam tristes e todos presos nos seus próprios assuntos, fechados nos seus próprios problemas). Para afastá-lo, eles poderiam ter respondido com grosseria (o que te interessa? É da nossa conta) ou gentilmente (desculpe, não temos tempo, estamos com pressa) ou nem responder, apenas dar a ele um olhar irritado, vá para o outro lado da estrada e acelere o passo.

Os discípulos fazem uma escolha diferente: deixam-se surpreender pela pergunta impertinente daquele homem que parece “fora deste mundo” e decidem que vale a pena falar com ele. Jesus joga a bola para eles e os discípulos não a deixam cair, mas a jogam novamente. Este é um fato decisivo porque, estando os discípulos em viagem, para falar com Ele devem acolhê-lo como companheiro de viagem.

Vejamos agora a terceira sequência, que ouvimos hoje: aproxima-se a noite, os discípulos convidam Jesus para ficar com eles e Jesus aceita.

Também aqui vemos os discípulos numa encruzilhada da história: não era certo que decidissem hospedá-lo. Depois de um belo passeio com aquele estranho que era tão fascinante de ouvir, poderiam ter-se despedido dele educadamente, agradecido muito pelo que lhes tinha explicado, desejando-lhe uma boa continuação de viagem e uma boa noite. Assim nunca o teriam reconhecido, os seus caminhos teriam divergido e a história teria terminado aí.

Veja bem, estou sugerindo que você leia o evangelho como se fosse um “livro de encruzilhada” ou um livro de jogos, aquelas histórias que possuem diversas alternativas possíveis que o leitor pode escolher, identificando-se com um personagem. Suas escolhas influenciam o desenvolvimento da trama, levando a múltiplos finais. São livros que podemos agrupar sob a fórmula: “Escolha a sua aventura”.

Ao nos identificarmos com a história de Lucas, também nós podemos “escolher a nossa aventura”. Vemos que em cada “encruzilhada” os discípulos escolhem se envolver, optam livremente pela alternativa mais desafiadora, que é também a mais criativa porque produz um novo segmento de narração que tem uma importante função transformadora na vida dos discípulos:

- tê-lo acolhido como companheiro de viagem permite-lhes ouvir as explicações de Jesus sobre as Escrituras e sentir o coração arder;

- tê-lo acolhido na sua mesa, como convidado, permite que os discípulos o reconheçam.

Parar para pensar sobre isso é esclarecedor. Faz-nos compreender como a nossa vida tem sempre um final em aberto e como podemos, através de escolhas generosas e criativas, mudar o final, avançar para o final mais bonito.

Em uma palavra: as situações, os encontros que a vida nos oferece são oportunidades para crescer na consciência, no amor e na liberdade, como Jesus quer que façamos.

Somos livres para aproveitar ou não as oportunidades, para desperdiçá-las ou transformá-las em oportunidades de crescimento.

Creio que cada um de vocês teria muitos testemunhos a oferecer sobre isso. Vou te dar um pequeno exemplo.

Enquanto escrevia este comentário, em janeiro, estava em casa e bateu-me à porta um homem, um estrangeiro, do Norte de África, que vem de vez em quando. Seu nome é Khalid e ele carrega uma sacola contendo meias, coletes e pequenos tapetes para vender. A primeira reação dentro de mim, ao vê-lo -sem ser vista- da janela, foi este pensamento: vou fingir que não estou em casa, tenho tanta coisa para fazer! O prazo para envio de comentários para o encontro das ENS é de sete dias e Khalid é um tagarela que não para!

Aí outra voz dentro de mim disse: mas você não pode mandá-lo embora!!! Ele vai sentir frio, abra a porta e ofereça-lhe um chá quente!

Ouvi o item número dois, mas com relutância porque quando paro de escrever fica difícil me concentrar novamente e fico ansiosa por não conseguir cumprir os prazos. Entre todas as providências mágicas que tenho que fazer para manter unido o meu trabalho universitário, o meu compromisso com a evangelização e o de uma avó de quatro netos, mesmo meia hora de trabalho perdida se torna um problema...

Abri para Khalid. Sentamos à mesa e mais de uma hora se passou antes que ele fosse embora. Aquela hora voou, nem percebi que estava passando.

Khalid, bebendo calmamente seu chá quente, sem pressa, como se não percebesse minha ansiedade, me contou sobre sua religião. Não sei por que a discussão caiu imediatamente sobre esse assunto. Ele me disse que, segundo o Islã, estava me dando um presente naquele exato momento. Não entendi. Khalid continuou: Sim, estou lhe dando um grande presente, porque estou lhe dando a oportunidade de se tornar melhor, como Allah deseja que façamos. Se eu não tivesse vindo, você não teria tido a oportunidade de ser hospitaleiro com alguém e seu coração estaria mais fechado e Allah não gosta disso. Mas o seu Deus também não gosta disso. Porque neste assunto estou convencido de que o seu Deus e o meu Allah pensam da mesma maneira.

Que grande ensinamento! Quantas vezes descobri pérolas de sabedoria que me iluminaram nas palavras dos pobres, dos estrangeiros, dos crentes de outras religiões, dos incultos, daqueles diferentes de mim.

Se você os ouvir, eles permitem que você observe as coisas de outra perspectiva e isso pode ser esclarecedor e permitir que você faça a melhor escolha na próxima encruzilhada neste emocionante e difícil jogo que é a vida.

«O nosso destino como cristãos: dar e mendigar. Dar o presente para que outros possam nos dar algo.

Deus quer que imploremos aos outros. Exige de nós que a nossa humildade assuma a forma de um mendigo. Em todas as situações da vida" (Boros).

